

(RE) CONHECENDO O “LUGAR” DE VIVÊNCIA POR MEIO DO USO DE GEOTECNOLOGIAS E TRILHAS INTERPRETATIVAS: UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE AGUDO-RS

(Recognizing the "place" of experience through the use of trails and geotechnology interpretative: an experiment in the city of Agudo-RS)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo a problematização do estudo do “lugar” por meio do uso da geotecnologia como recurso didático no Ensino Fundamental. Assim, o trabalho, desenvolvido com alunos do 9º ano da Escola Estadual de Educação Básica Prof. Willy Roos, localizada em Agudo (RS), utilizou o software livre Google Earth 5.2.1.1588 como recurso didático de exploração do lugar de vivência dos alunos e comparação com realidades de outras crianças de diferentes escolas ao redor do mundo, a fim de identificar e discutir problemas e potencialidades locais, frente às demais realidades pesquisadas. Com a atividade, os alunos estabeleceram pontos de referência da Cidade, aproximando-se do seu lugar de vivência, o que possibilitou a compreensão da organização socioespacial local. O estímulo demonstrado pelos alunos no desenvolvimento da atividade, bem como sua capacidade em reconhecer o espaço e suas diferentes formas de organização espacial em diferentes culturas, confirmou o uso das geotecnologias como ferramenta valiosa para o ensino da Geografia, uma vez que trabalhar com a realidade do aluno a partir de novos recursos didáticos, desperta o interesse pela construção do conhecimento.

Palavras-chave: Geografia e educação; Lugar de Vivência; Geotecnologias, conflitos socioambientais.

ABSTRACT

This paper aimed to study the problematic of the "place" through the use of Geotechnology as a teaching tool in elementary school. Thus, the work developed with students in 9th grade State School of Basic Education Prof. Willy Roos, located in Agudo (RS), used the free Google Earth software 5.2.1.1588 as teaching resource exploitation rather than the experience of students and comparison with different realities, other school children around the world in order to identify and discuss problems and potential, face other realities surveyed. With the activity, students set the landmarks of the city, nearing the place of experience, which led to an understanding of local socio-spatial organization. The stimulus shown by students in developing the activity as well as its ability to recognize the space and its different forms of spatial organization in different cultures, confirmed the use of geo-technology as a valuable tool for teaching geography, since working with the reality student from new teaching resources, arouses interest in the construction of knowledge.

Keywords: Geography and education; Experience of Place; Geotechnology, environmental conflicts.

Greice Kelly Perske da Silva

Mestranda do Programa de Pós-graduação
em Geografia da Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM)
Rua João Goulart, 510 - Camobi,
CEP: 97105-220 - Santa Maria (RS) – Brasil
Tel: (+55 55) 9679 4984
greicegeo@yahoo.com.br

Dr. Adriano Severo Figueró

Professor do Programa de Pós-graduação
em Geografia da UFSM
adri.geo.ufsm@gmail.com

Jaciele Carine Sell

Mestranda do Programa de Pós-graduação
em Geografia da UFSM
jacics@gmail.com

Lilian Dalbem

Graduanda do Curso de Geografia da UFSM
lilian.geoufsm@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

No atual contexto da educação e frente aos desafios colocados ao processo ensino-aprendizagem na contemporaneidade, é preciso refletir sobre novas maneiras de educar e compreender o ambiente cotidiano da escola e de seus alunos (JACOBI, 2005). Assim, a utilização de recursos didático-pedagógicos alternativos se constitui em uma ferramenta que permite trabalhar com os conteúdos geográficos de maneira criativa e crítica.

Por isso, a busca por novos métodos e instrumentos pedagógicos tem sido um desafio constante na vida dos educadores, que procuram dinamizar os processos de ensino por meio do resgate do interesse dos alunos, levando em conta especialmente a oferta de opções do mundo moderno. Por outro lado, esta busca nem sempre tem sido satisfatória, pois a escola, muitas vezes, procura responder a dúvidas que os educandos não têm, tornando este conhecimento desinteressante, mesmo que ensinado com bons instrumentos (ALVES, 2006). Assim, o professor encontra-se diante de um novo paradigma educacional, segundo o qual, é necessário oportunizar aos educandos situações que priorizem o posicionamento crítico, o pensamento reflexivo e o estímulo do raciocínio.

Dentro desse contexto, este artigo resulta de um Projeto de Educação Ambiental que foi desenvolvido com alunos de 9º ano da Escola Estadual de Educação Básica Prof. Willy Roos, localizada na cidade de Agudo, RS, buscando (re)conhecer e discutir a importância do “lugar” como tema gerador para a construção de uma verdadeira autonomia dos educandos frente ao espaço vivido (FREIRE, 2002). Apresentar-se-á uma proposta de utilização das geotecnologias como recurso didático para (re)conhecimento e (re)discussão do lugar de vivência dos alunos. A Geografia entende que o “lugar” não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica, eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam (CLAVAL, 1999). Ao mesmo tempo, Santos (2006) defende que o “lugar” é o “espaço de exercício da existência plena” (p.114), o que nos remete diretamente para a importância da construção deste conceito no desenvolvimento da cidadania.

Para a maioria dos alunos, o “lugar” tem como conceito principal a “casa”. O “lugar” para eles também é a cidade onde moram. De certa forma, esse posicionamento dos alunos não está incorreto, pois, conforme Motta (2003) o lugar é onde acontecem as relações de coexistência, onde as pessoas movem-se, individual e coletivamente. Assim, a casa, a cidade pode ser classificada como lugar, na medida em que para a Geografia Humanista, o lugar é onde o indivíduo está ambientado e integrado. O lugar não é considerado qualquer localidade ou cidade, mas sim, aquele lugar que tem algum significado ou importância afetiva para a pessoa, podendo acumular sensações boas ou ruins, quando a pessoa nele vive ou apenas traz recordação. É nesse sentido que Kaercher (1999, p. 13) diz que:

A Geografia tem como objetivo compreender a vida de cada um de nós desvendando os sentidos, os porquês das paisagens em que vivemos e vemos serem como são, (...) como ela foi construída? Por que ela é assim? É preciso romper com a simples visualização/descrição conformista da paisagem.

Optou-se por trabalhar com o software Google Earth por este ser um programa gratuito e, ao trabalhar no plano digital, permite uma maior facilidade na comparação entre diferentes escalas, locais e níveis de detalhamento da realidade. Ao falarmos em escala, certamente que estamos nos referindo a algo que vai muito além de uma relação

matemática entre o objeto e sua representação; a escala define, no olhar geográfico, uma “dimensão” para os processos e relações que se estabelecem no espaço (CASTROGIOVANNI, 2000).

O “LUGAR” NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS ESCOLARES

O ensino de Geografia está no “lugar”?

5

Uma grande preocupação da atualidade é a formação de gerações ambientalmente críticas, reflexivas, observadoras e comprometidas com a ética. Apesar disso, a Geografia continua a trabalhar com conteúdos desconectados da realidade próxima, o que resulta, muitas vezes, em uma completa perda de interesse por parte dos alunos. Precisamos, portanto, aproximar as práticas escolares do lugar de vivência dos alunos, fazendo com que tenha significado o que aprendem em sala de aula. É preciso, portanto, conectar vida e ciência, interesses e estudos, procurando adaptar as vivências dos alunos aos assuntos a serem tratados em sala de aula.

Com a globalização, a geografia do lugar perdeu a atenção necessária dentro da disciplina, uma vez que através de vários meios de comunicação o mundo está “dentro de casa”, e no contexto escolar as grandes manchetes acabam por se tornar mais importantes do que as questões locais. Dentro desse contexto, Callai (2006, p. 83) diz que:

Na nossa vida, muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar onde vivemos.

Para ler o mundo, é necessário saber interpretar o espaço local, analisando as suas relações e ser capaz de entender as conexões existentes entre essas diferentes relações e a produção da existência cotidiana dos alunos. No entender de Rosa et al (2007), “o professor encontra-se diante de um novo paradigma educacional, segundo o qual, é necessário oportunizar, aos educandos, situações que priorizem o posicionamento crítico, o pensamento reflexivo e o estímulo do raciocínio” (p.26). É dentro desse contexto que a ciência geográfica tem uma importante contribuição a dar, pois, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 108):

O ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimento, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico.

Ao proporcionar novas leituras do espaço vivido cotidianamente, a Geografia se torna um poderoso instrumento para a construção da cidadania, visto que fortalece a identidade através da valorização do lugar e da compreensão da articulação deste com o espaço global (AIGNER, 2006). Dentro desse contexto, é importante que o aluno conheça e indague como o lugar onde vive foi e é organizado. Como educadores nosso papel é fazer com que se tornem capazes de procurar respostas para a razão da existência de certas desigualdades, tanto sociais quanto espaciais em sua cidade e,

ainda, que tenham aspiração, atitude e conhecimento para interferir nessa realidade. A partir do momento em que o aluno assimila e se apropria do conceito e das características que definem e controlam o lugar, passa a ter a noção e o sentimento de pertencimento a esse lugar, e que também é um agente construtor/organizador desse espaço. Enquanto esse sentimento não aflorar, o aluno se torna estranho ao local e, dificilmente, contribuirá para melhorar sua realidade.

Google Earth: recurso didático de (re) conhecimento do “lugar”

6

Entender como se organiza o espaço significa aprender a pensar o espaço. Quando uma criança observa e analisa a organização da sala de aula, de uma rua, de um bairro ou de uma cidade, ela vai compreendendo que nesses espaços uma rede de relações sociais, econômicas, políticas e culturais estão presentes. Para Antunes; Menandro; Paganelli (1993), saber pensar o espaço é saber identificar essa rede de relações, e através dessa percepção, situar-se nelas, seja de forma centralizada ou marginalizada. Por isso, é importante que o aluno (re)conheça seu lugar de vivência, inserindo-se nele e se engajando na sua (re)construção.

No que tange ao estudo dos lugares e suas paisagens, a Geografia tem a possibilidade de superar o quadro “estático” dos livros didáticos, utilizando-se de fontes de informação capazes de retratar estas paisagens de forma atualizada e sob diferentes ângulos e escalas; tais são as informações fornecidas pelos sensores remotos e facilmente acessadas por diferentes geotecnologias, como o Google Earth. O Google Earth é uma ferramenta versátil e de grande potencial pedagógico pois é um excelente recurso na análise espacial. Além de possuir uma enorme eficiência pedagógica, é capaz de apresentar uma interface visualmente atrativa e recursos interessantes que permitem ao aluno, por exemplo, sobrevoar o planeta virtualmente possibilitando, ainda, a exploração visual de dados da superfície terrestre (QUEIROZ FILHO & RODRIGUES, 2007). Visto desta forma, o Google Earth “acaba por se constituir atualmente, no globo terrestre virtual. Trata-se de um globo terrestre virtual planificável” (SANTOS JÚNIOR, 2007, p. 118).

Dentro desse mundo de possibilidades, o avanço do uso de tecnologias na educação vem sendo cada vez mais incentivado, e o o Sensoriamento Remoto tem mostrado grande potencial educacional. Até mesmo nos livros didáticos, o uso de imagens de satélites tem conquistado seu espaço. Florenzano (2002, p. 3) coloca que:

Os novos parâmetros curriculares reforçam a importância do uso de novas tecnologias, como a do sensoriamento remoto que se destaca da maioria dos recursos educacionais, pela possibilidade de se extraírem informações multidisciplinares, uma vez que dados contidos em uma única imagem podem ser utilizados para multifinalidades.

O ensino de Geografia recebe significativas contribuições a partir da utilização de novos materiais e procedimentos originados de tecnologias. Para Florenzano (2002, p. 93), “a partir da análise e interpretação de imagens de sensores remotos, os conceitos geográficos de lugar, localizações, interação homem/meio, região e movimento (dinâmica) podem ser articulados”. Por isso, é necessário que se desenvolvam metodologias para utilizar imagens de satélite nas escolas, como manusear o software livre Google Earth, que permite que a representação do espaço revele sua dinâmica,

como um espaço construído historicamente a partir de condições naturais e sociais cotidianas, das quais participam ativamente professores e alunos.

O uso do Google Earth no ensino de Geografia, desencadeia uma abordagem integrada e interpretada sob diferentes ângulos, fazendo com que o aluno tenha um novo olhar geográfico do local em que vive. As imagens visualizadas pelos alunos apresentam organizações socioespaciais distintas, proporcionando assim um melhor entendimento das formas como a sociedade se organiza e desempenha suas relações na construção do espaço geográfico.

A METODOLOGIA DA PESQUISA

Partindo do princípio teórico-metodológico da pesquisa-ação, o presente trabalho direcionou seus passos a partir da interação com a comunidade escolar, buscando que os alunos, a partir do diálogo em grupo e com base no uso das geotecnologias, pudessem começar a compreender a organização socioespacial atual do seu espaço de vivência, identificando os conflitos socioambientais locais e discutindo alternativas de superação. Partiu-se, então, do pressuposto de que este “diálogo” mediado pela tecnologia pode representar um caminho estratégico para o desenvolvimento da cidadania. Nas palavras de Maturana (1996):

Ao movermo-nos na linguagem em interações com outros [seres humanos], nossas emoções mudam segundo um emocionar que é função da história de interações que vivemos, e na qual surgiu nosso emocionar como um aspecto de nossa convivência com outros [seres humanos], fora e dentro do languagear.(P. 92)

A atividade foi desenvolvida em períodos de aula da disciplina de Geografia, com vinte e cinco alunos de 9º ano da Escola Estadual de Educação Básica Prof. Willy Roos, utilizando-se do software livre Google Earth 5.2.1.1588 como recurso didático para o (re)conhecimento do lugar de vivência dos alunos.

A partir do livro “*Uma escola como a minha*”, publicado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), foi feita uma atividade de comparação entre a realidade do lugar de vivência dos alunos participantes, com outras crianças de diversos lugares do mundo. O livro, tradução de “*A School Like Mine*”, mostra um projeto desenvolvido pelo UNICEF, que leva à diversos lugares uma “mini-escola”. A *school-in-a-box* é um kit com régua, tesouras, lápis, borrachas, livros, e diversos materiais escolares que é enviado a diferentes escolas ao redor do mundo. O livro retrata as realidades de alunos que receberam o kit, o dia-a-dia escolar e a relação que a escola tem com o lugar de vivência destes alunos. O objetivo fundamental desta publicação é, antes de mais nada, revelar as semelhanças e as diferenças do cotidiano infantil em diferentes lugares e culturas.

Esse guia mostrou uma maneira de interação entre a realidade dos alunos de Agudo e alunos do Peru, México, Etiópia, Índia, Bélgica e Nova Zelândia. Escanearam-se fotografias das crianças retratadas, e foram elaborados cartazes em tamanho A3, mostrando a realidade destes alunos, de sua escola e seu lugar de vivência, a partir de uma releitura das informações contidas no livro. Esses lugares foram escolhidos de maneira aleatória, a fim de contemplar realidades dos cinco continentes. Manuseando as imagens, os alunos foram estimulados a localizar no Google Earth o lugar (país, cidade ou localidade) de cada uma das crianças indicadas nos cartazes, a fim de comparar características como o tamanho das casas, o alinhamento e a largura das ruas, a presença

ou ausência de jardins e de áreas verdes, o tamanho da mancha urbana e demais peculiaridades, com o município de Agudo.

Além das questões espaciais, os alunos participantes também confrontaram com sua realidade algumas informações culturais encontradas nos cartazes, como o lanche diferenciado na escola, datas comemorativas, vestimentas, e até disciplinas escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

8

Dando início ao projeto

Talvez os maiores entraves para o professor inserir em seus métodos de ensino recursos didáticos como o Google Earth sejam a instalação e o manuseio de softwares. O receio de ter de ficar algumas horas instalando e buscando aprender a manipular programas faz com que esses recursos se tornem “bichos-de-sete-cabeças” para alguns educadores.

Cabe aos educadores perceberem, todavia, que apesar dos recortes disciplinares na escola serem os mesmos de décadas atrás, os educandos não são mais os mesmos (BABIN, KOULOUMDJIAN, 1989). Por isso, se os professores percebessem a precoce inclusão de seus educandos no meio tecnológico e se propusessem a aprender com os mesmos, a inserção desses recursos nas escolas seria mais ágil e simples.

Assim, para iniciar a instalação do Google Earth 5.2.1.1588, os alunos foram questionados sobre o contato que poderiam ter tido com o software em outras oportunidades, pois na maioria das vezes os alunos estão mais inseridos e possuem maior contato com esse meio do que os próprios professores. Isso tornaria o processo repetitivo e, até mesmo, desmotivador para o aluno, ser instruído sobre algo que já é conhecido.

Como a maioria dos alunos participantes da atividade já possuía prática no que diz respeito ao manuseio do programa, formaram-se grupos, facilitando o processo introdutório de instalação e funcionamento. Os alunos, em grupos, receberam auxílio dos colegas mais experientes, e instalaram o software nos computadores de uma das salas de informática da Escola. Desse modo, já na etapa inicial, mostraram cooperação e paciência para com os menos inteirados no assunto.

Localizando pontos de referência cotidianos

Seguido do processo de instalação, instigou-se os alunos a manusear o programa, solicitando que localizassem qualquer lugar, desde que estivesse situado na cidade de Agudo. Estando em contato com o lugar onde se vive, até mesmo através de uma imagem de satélite, é normal que se procure localizar pontos de referência conhecidos, como a casa, a escola, a praça ou o campo de futebol, por exemplo. Com os alunos desta pesquisa não foi diferente. Enquanto poucos, que encontraram certa dificuldade em manusear uma imagem de satélite, esperavam o passo a passo, outros imediatamente passaram a tentar localizar sua casa, a casa da avó, do vizinho, do tio. Pacientemente, com o auxílio dos colegas, todos conseguiram localizar, pelo menos, sua própria residência.

Após todos concluírem a localização das moradias, o segundo ponto de referência a ser descoberto foi a Escola. A maioria dos alunos encontrou com facilidade a Escola na mancha urbana, visto que, é uma das mais amplas edificações em extensão. Outros necessitaram da ajuda dos colegas, que foram auxiliados a não indicar a localização desse ponto, mas sim levar o colega até ele. Ou seja, para chegar até a Escola, primeiramente foi localizado o início da Avenida Concórdia, a maior rua da Cidade; posteriormente, seguiu-se “caminhando” quadra por quadra até chegar ao ponto esperado: a Escola (Figura 1). Dessa forma, apreenderam uma maneira de localizar os pontos de referência seguintes.

A prefeitura foi localizada na imagem tendo como ponto de referência um vasto gramado em sua face frontal. O ginásio de esportes municipal foi encontrado tendo a mesma referência que a Escola, ou seja, uma das poucas amplas construções. Dessa forma, diversos outros pontos da cidade foram (re)descobertos pelos alunos através da utilização dessa ferramenta tão simples e tão útil como recurso didático.

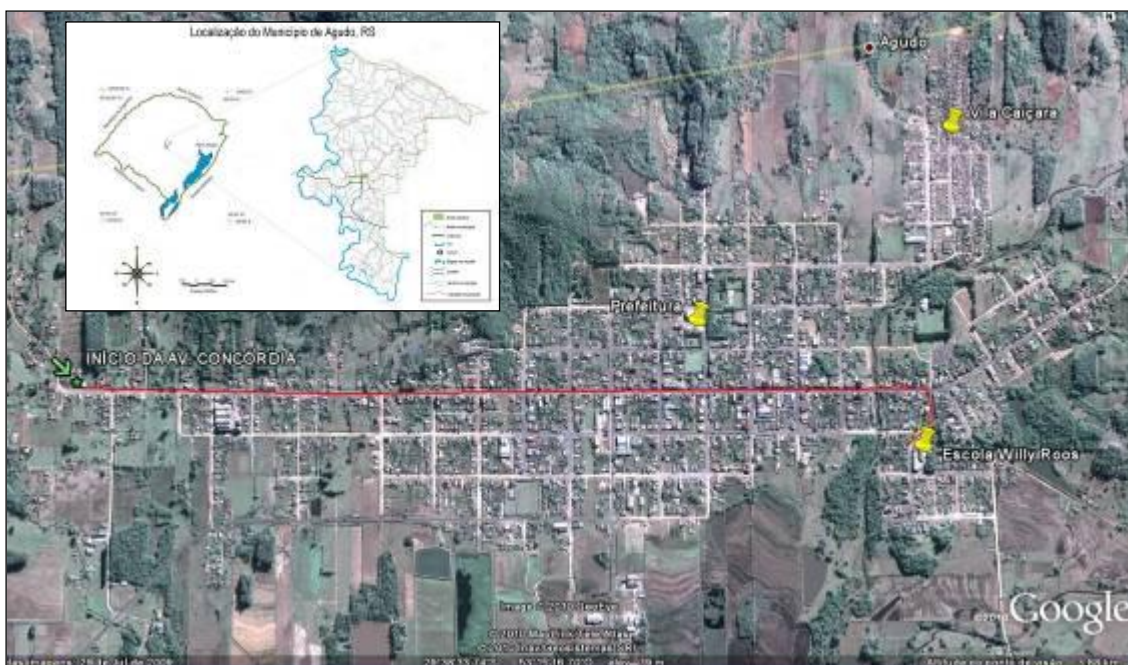


Figura 1 - Localização do município de Agudo, com a marcação do caminho do início da Av. Concórdia até a Escola Willy Roos.

Fonte: Google Earth.

Comparando “lugares”

A partir da “exploração” realizada no perímetro urbano de Agudo, buscando familiarizar os alunos com a organização espacial da cidade a partir do plano vertical, partiu-se para uma segunda etapa.

Nesta segunda etapa, buscou-se comparar outras formas de organização espacial com aquela já (re)conhecida pelos alunos em Agudo. Assim, propôs-se aos alunos um exercício de comparação da organização socioespacial do “seu” lugar, com a organização socioespacial do lugar das outras crianças selecionadas, moradores do Peru, México, Bélgica, Índia, Etiópia e Nova Zelândia. A partir dos cartazes (Figura 2),

complementados por uma pequena explicação sobre o lugar de vivência destas outras crianças e um pouco da cultura local, os grupos de alunos localizaram o país, a cidade ou o bairro em que a criança morava, e passaram a analisar a organização socioespacial desse lugar.



Figura 2 - Cartazes utilizados pelos alunos na atividade de comparação de lugares.

Fonte: UNICEF. Adaptado por: SILVA, G. K. P.

A comparação destas realidades e a discussão coletiva sobre estas diferentes formas de educação e de vida, permitiram aos alunos estabelecerem algumas referências para avaliarem sua própria forma de vida e de organização na cidade de Agudo (Figura 3).



Figura 3 - Alunos, comparando Agudo com o lugar de um dos pôsteres.

Fonte: SILVA, G. K. P.

No entender de Gonçalves (1999),

As comunicações que os sujeitos estabelecem entre si, mediadas por atos de fala, dizem respeito sempre a três mundos: o mundo objetivo das coisas, o mundo social das normas e instituições e o mundo subjetivo das vivências e dos sentimentos. As relações com esses três mundos estão presentes, ainda que não na mesma medida, em todas as interações sociais. (P. 132)

Questões muito relevantes para o estudo do “lugar” foram levantadas, como a disposição desalinhada de casas e a irregularidade de quadras em alguns lugares; e a organização e alinhamento de quadras, casas e praças em outros. Visualizando Mussoorie, na Índia, por exemplo (Figura 4), os alunos puderam perceber a diferença na organização socioespacial, ou seja, o desalinhamento, o não-planejamento da localização das casas e das ruas.

11



Figura 4 - Imagem de Mussoorie, na Índia, e sua organização socioespacial.
Fonte: Google Earth.

A partir dessa percepção, passaram a comparar esse e os outros lugares com a cidade de Agudo. Alguns prontamente ressaltaram o alinhamento de quadras na maior parte da Cidade, e o desalinhamento na Vila Caiçara (Figura 05), onde há ocupação irregular. Outros observaram a presença de jardins em quase todas as casas de Agudo, e a ausência dos mesmos em outros lugares analisados, como na Cidade do México (Figura 6), por exemplo.



Figura 5 - Imagem de Agudo e sua organização socioespacial.
Fonte: Google Earth.



Figura 6 - Casas sem jardins na Cidade do México.
Fonte: Portal Luis Nassif <www.blogln.ning.com>

Para conseguir compreender estas diferenças, buscou-se fazer o resgate histórico do início da ocupação na região, a qual foi colonizada por imigrantes alemães. Esses imigrantes trouxeram consigo toda uma bagagem cultural, que refletiu diretamente na organização socioespacial atual da cidade de Agudo. Assim, explicou-se a presença de jardins, a localização da Igreja em uma extremidade da Avenida, a praça localizada no ponto central da Cidade, o estilo arquitetônico das casas, e outros questionamentos sobre a organização do espaço (Figura 7).

Além das percepções e discussões socioespaciais, com esse exercício de comparação, foi possível conhecer um pouco da cultura de cada um dos lugares

contidos nos cartazes, bem como a relação que a criança tem com seu lugar de vivência e a escola.

Um dos cartazes trouxe a realidade do menino Deepak, da Índia, que coloca sua Escola como sendo um lugar bom, pois segundo ele, na disciplina de educação moral e cívica, aprende a ajudar as pessoas necessitadas. A partir de outras informações contidas no cartaz de Deepak, os alunos apontaram para um detalhe levantado pelo menino: assim como em muitas escolas ao redor do mundo, se fizer alguma travessura, fica de castigo em um banco.

Com a menina Flora os alunos perceberam que assim como eles, na hora do intervalo, na Bélgica, os alunos ganham uma refeição, mas com a diferença de poder escolher entre um prato vegetariano ou com carne. Esse aspecto trouxe à tona a discussão sobre a culinária local, (re) conhecendo o potencial gastronômico da cidade de Agudo, herança da cultura alemã.



Figura 7 - Traços da cultura alemã na arquitetura e na presença de jardins.
Fonte: Erni Bock.

Fazendo a leitura de outro cartaz, os alunos apontaram a possibilidade do menino Parekaawa, da Nova Zelândia, ter aulas em inglês e na língua do seu povo, o que demonstra forte laço com a cultura local. Comparou-se com a cidade de Agudo, onde os alunos têm possibilidade de falar em alemão, mas muitos sentem receio, e isso precisa ser desmitificado, potencializando suas heranças culturais e identidades.

Os alunos desta pesquisa aprenderam ainda que no México existe o Dia dos Mortos, elucidado pelo menino Jucari. Segundo ele, esse é um dia festivo, para pedir proteção aos espíritos. Em Agudo, ao contrário, o Dia de Finados não é uma data festiva, apesar de ser muito reverenciada pela comunidade local, remetendo à discussão da existência de inúmeros cemitérios familiares na região, hábito de cultura alemã.

Já a menina Maria vive em uma área rural do Peru, onde o governo incentiva as famílias a manterem as crianças na escola, ao invés de fazê-las trabalhar em casa. Muitos dos alunos se identificaram com essa situação, visto que além de ir à escola, muitos que vivem em área rural trabalham em casa ou na lavoura para ajudar a família.

Todas as crianças dos cartazes descreveram um grande apego ao lugar onde vivem, por mais difícil que seja sua situação. Semira, da Etiópia, vê na escola um lugar de referência, já que divide seu lar com várias crianças em um orfanato. Os alunos participantes puderam perceber, então, o quanto a escola significa para crianças como Semira, e se sentiram privilegiados por viver em uma situação de elevada qualidade de vida.

Concluindo a atividade, os alunos se mostraram satisfeitos com uma aula prática de Geografia. Foram capazes de apreender conceitos antes só vistos nos livros didáticos, como o conceito de “lugar”, por exemplo. Além disso, trabalhar com a realidade do aluno faz com que o mesmo se interesse mais pela construção do conhecimento.

Percorrendo, reconhecendo e interpretando a paisagem do lugar

Considerando que o (re)conhecimento do lugar envolve um processo de construção de conceitos acerca da compreensão do espaço vivido, buscou-se qualificar este processo, a partir de mais uma etapa. Assim, a partir dos resultados obtidos com o uso das geotecnologias, partiu-se para uma próxima etapa, definindo um roteiro para a realização de uma trilha interpretativa de educação ambiental no entorno escolar.

Entende-se por trilha interpretativa um trajeto de curta distância (500 até 1.000 metros), onde se busca otimizar a compreensão das características naturais e/ou construídas e culturais da sequência paisagística determinada pelo seu traçado (LIMA, 1998), com finalidades ludo-pedagógicas direcionadas à educação ambiental, ou à humanização de terapias, funcionando como fator de integração ou reintegração, de adaptação e de valoração, de tomada de consciência em relação ao meio ambiente. Segundo Priest (*apud* TORRES, 2008, p.1):

[...] educação ao ar livre é uma metodologia de aprendizagem experiencial que utiliza todos os sentidos de uma pessoa. Ela acontece prioritariamente, mas não exclusivamente, através da exposição do estudante a ambientes naturais. Na educação ao ar livre, a ênfase da aprendizagem está nos relacionamentos entre as pessoas e os recursos naturais.

Além disso, o meio natural representa um espaço onde a criança pode expressar seus movimentos com maior liberdade, uma excelente oportunidade de educação corporal e de conscientização ecológica por meio da orientação, e não proibição do movimento (RODRIGUES, 2009). Considerando que a paisagem, enquanto notável recurso didático viabiliza a interação entre homem e meio ambiente, deduz-se que seu apelo estético nos conduza potencialmente à contemplação, estimulando a sensibilidade e a reflexão, mas não apenas isto; o contato direto com a paisagem trás o diálogo para o espaço das relações extraescolares, onde se materializam os conflitos e as diferentes potencialidades de vida.

A trilha interpretativa realizada com os alunos do 9º ano da Escola Willy Roos agregou diferentes atividades de sensibilização ambiental, desenvolvendo um processo de educação através de valores, de identificação com a paisagem, onde são enfocados aspectos relativos ao sentir-se e ser parte. Envolveu atividades como relaxamento, visualização de paisagens, atividades de sensibilização ambiental, multiestimulação da acuidade perceptiva, etc. A mescla de aspectos recreativos e educativos reveste-se de um sentido especial em ambos os casos, ao amalgamar curiosidade, imaginação, variedade de estímulos, heterogeneidade de aspectos paisagísticos, informações

temáticas, companheirismo, descobertas e redescobertas associadas à paisagem exterior e a interior.

A partir do desenvolvimento da trilha, os alunos, em grupo, passaram a registrar através de fotografias e anotações, os conflitos e as potencialidades encontradas em cada momento. Estes registros instigaram, no momento seguinte, um debate com a comunidade escolar, sobre a “cidade que temos” e a “cidade que queremos” (figura 8), estimulando o senso de cidadão crítico capaz de pensar soluções para os problemas locais.



Figura 8 - Cartazes elaborados pelos alunos sobre “a cidade que temos” e “a cidade que queremos”.
Fonte: SILVA, Greice Kelly Perske.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essencialmente, a escola deve contribuir para a expansão da cidadania, da liberdade, da criatividade, do raciocínio e do pensamento crítico. Por isso, a verdadeira educação exige uma conversão de valores, onde a educação para a liberdade (FREIRE, 1986) contribui para a construção e defesa da cidadania. Assim, o papel do educador não é impor ao educando sua visão de mundo, mas dialogar com ele sobre a sua visão e a dele.

O conhecimento é, portanto, resultado das relações dos seres humanos entre si e com o mundo, e por isso, a tarefa do professor não é dissertar, mas problematizar uma realidade concreta, próxima do educando. Nas palavras de Vygostky (2001), “a experiência prática mostra também que é impossível e estéril ensinar os conceitos de forma direta. Um professor que tenta conseguir isto habitualmente mais não consegue da criança do que um verbalismo oco” (p.194).

Dentro desse contexto, foi possível verificar que o estudo da categoria lugar por meio de imagens de satélite e de realização de trilha interpretativa na Escola Estadual de Educação Básica Prof. Willy Roos alcançou seu objetivo de contribuir com o ensino de

Geografia e de (re)conhecimento e (re)valorização do local. Os alunos puderam acessar imagens de satélite através do manuseio do software livre Google Earth 5.2.1.1588 e, a partir do (re)conhecimento dos pontos de referência cotidianos da Cidade, passaram a explorar melhor as características do seu espaço vivido, construindo de forma progressiva o conceito de lugar.

Outras questões relevantes podem vir a ser trabalhadas no ensino de Geografia utilizando-se do software Google Earth, como a tridimensionalidade, a relação dia e noite, as diferentes escalas, etc. Enfim, muitas foram as discussões e comparações, e muitas outras podem vir a ser exploradas, mas certamente as atividades propostas nesta pesquisa serviram para um melhor entendimento do conceito de lugar por parte dos alunos, ressaltaram a importância do uso das imagens de satélite no ensino Geografia e apontaram para a necessidade de utilização de metodologias de ensino que despertem o interesse do aluno.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Rubem. **Entre a Ciência e a Sapiência: o dilema da educação**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

ANTUNES, A. R.; MENANDRO, H. F.; PAGANELLI, T. I. **Estudos Sociais: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: ACCESS, 1993.

BABIN, Pierre, KOULOUMDJIAN, Marie France. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador**. Tradução Maria Cecília Oliveira Marques. São Paulo: Paulinas, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.) **Ensino da Geografia: Práticas e contextualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CLAVAL, P. **A geografia cultural: o estado da arte**. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORAZZA, R.; WACHHOLZ, F.; PEREIRA FILHO, W. **A construção da Cartilha Didática para o ensino das noções básicas de Sensoriamento Remoto ao terceiro ciclo do Ensino Fundamental**. In: JORNADAS DE EDUCACIÓN EN PERCEPCIÓN REMOTA EN EL ÁMBITO DEL MERCOSUR. V., 2005, Falda del Carmen, Córdoba, Argentina. Anais... Falda del Carmen, Córdoba, Argentina: 2005. 1 CD-ROM.

FLORENZANO, T. G. **Imagens de satélite para estudos ambientais**. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, M.A.S. Teoria da ação comunicativa de Habermas: Possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação & Sociedade**, 20 (66): 125-140, 1999.

JACOBI, P. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.

- LIMA, Solange T. **Trilhas Interpretativas**: a aventura de conhecer a paisagem, Cadernos Paisagem. Paisagens 3, Rio Claro, UNESP, n.3, pp.39-44, maio/1998a.
- MATURANA, H. **Desde la Biología a la Psicología**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1996.
- MORAES, P.R., **Ensinar geografia “não podemos perder o bonde da história”**: Discutindo Geografia. São Paulo: Escala Editorial, 2006.
- QUEIROZ FILHO, A. P. & RODRIGUES, M. **A Arte de Voar em Mundos Virtuais**. São Paulo: ANNABLUME, 2007.
- RODRIGUES, Cae. **Educação Ambiental e estudos do meio**: o papel do educador. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 28 de setembro de 2010.
- ROSA, R.U.; SANTOS JÚNIOR, D.N.; LAHM, R.A. O recurso das imagens de satélite para o estudo do lugar do educando: uma experiência na área da matemática e da geografia. **Experiências em Ensino de Ciências**, 2(2): 23-36, 2007.
- SANTOS, M. **Por Uma Outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SANTOS JÚNIOR, D. N. **Geografia do espaço percebido**: uma educação subjetiva. 280 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática), Faculdade de Física, PUCRS, Porto Alegre, 2007.
- UNIÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PELA INFÂNCIA (UNICEF). **A School Like Mine**. New York: DK Publishing, 2007.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: EbooksBrasil, 2001.

Trabalho enviado em Abril de 2011
Trabalho aceito em Julho de 2011